Spártacus

Ano I — Numero 8 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 20 de Setembro de 1919

Vão confessando...

O insuspeito *Rio-Jornal* publicou, na sua edição de 15, o seguinte telegrama de New-York: «O senador Johnston, durante sua excursão ao Kansas, teve ocasião de atacar rudemente a Liga das Nações e o tratado de paz com a Alemanha. O senador afirmou que a Liga não passa de um gigantesco *trust* de guerra e convidou, em termos energicos, o Senado a repelir o projecto».

De ore tuo te judico, eu te julgo por tuas proprias palavras. Si tal afirmação de que a Liga projetada pelos imperialistas aliados não passa de um grosseirissimo *trust* de guerra, fosse feita por nós, anarquistas, a burguezia inteira bramaria que somos caluniadores, agitadores profissionais, individuos perigosos e o mais da praxe. Quem o confessa agora é um senador americano, um membro da maior plutocracia dos dois mundos, um representante do capitalismo, um entendido nas maroscas e maranhas politicas internacionais.

Ora, o que diz escandalosamente o senador Johnston temos dito nós milhões de vezes, asseverado, demonstrado, conclamado. Muito antes da guerra já diziamos isso mesmo, que os politicos e financistas internacionais se arranjam sempre de tal geito que se tornam *trust*, centro de rapina grossa, a mão [illegible]da ou a golpes de bolsa.

Evidentemente agora, *post bellum*, vencida a Alemanha, tomadas as colonias, incumbe aos financistas internacionais repartir a prêsa e tirar dela o maior partido.

Como, porêm, a conciência universal se levanta contra a indignidade dos tratados, secretos ou não secretos, e, o que é mais sério, os trabalhadores estão dispostos a não marcharem para o matadouro, os ladravazes cosmopolitas tentam engambelar os parvos e inventam uma Liga das Nações para inglês vêr. Ou antes é, o inglês mesmo quem sugere a tal liga *para os outros verem* e êle manobrar, invisivel, com a tarrafa, o anzol e o arrastão.

A idéa não não foi propriamente inglêsa, mas o inglês se aproveitou dela matreiramente. O americano pretendia imiscuir-se nos negocios europeus e arrancar das mãos britanicas a hegemonia comercial, a superioridade bolsista, a dominação agioteira que tem prejudicado imensamente aos agiotas americanos. O melhor meio era a Liga. Nesta, como a queria Wilson, preponderaria o conjunto sobre a unidade; a Inglaterra, dantes despeada, se havia de submeter aos votos das nações, ao possivel entendimento de pequenas nacionalidades em defesa.

Só um mentecapto ou um ignorante da tradição politica de Inglaterra, dos seus processos, do seu objetivo maximo de agiota e explorador colonial, se enganaria em prever logo a oposição radical, sistematica, dos seus mentores a semelhante sociedade. Repelir, porém, era desmascarar-se. Aceitaram, mas deformaram. O primeiro golpe foi o tratado. Wilson queria as cousas mais anti-britanicas, mais favoráveis á Alemanha e ás demais nações. Isso abatia a Inglaterra e prestigiava o nucleo de agiotas *yankees*. Mas Wilson falou muito, discursou muito, disse as cousas muito abertamente, permitiu que a Ingláterra levantasse, no animo dos seus parceiros europeus, uma desconfiança cada vez mais justificada.

Wilson foi vencido. Os jornais de toda a parte declararam o desapontamento do chefe americano e a vitória, em toda a linha, dos inglêses.

Não fossem os maximalistas russos a Inglaterra estaria, mais uma vez, triunfante sobre o mundo, ditando suas leis, aniquilando a Alemanha, engasopando a ingenua França, liquidando as nações pequenas, regulando os Balkans a seu geito, anexando a Mesopotamia, a Palestina, a Asia Menor, iniciando a conquista lenta da America do Sul.

Si não fossem os bolchevistas!

Por isso, na campanha nova, a extinção do bolchevismo é ponto capital. Guerra aos anarquistas de todo o mundo!

Mas Wilson, voltando para a América, não se resignou.

A supremacia inglêsa, politica e financeira, é um pavor. Os Estados Unidos são credores fortes dos inglêses; mas certos *craks* financistas têm mostrado como são habeis os banqueiros da escola Rotschild em arrepanharem o ultimo vintem dos seus credores sem que eles saibam como. Os livros de Chirac e os desastres de 1907 revelam que punguistas bancários são os donos da Lombard Street.

E isso apavora a América.

O jogo inglês foi tão certeiro que submeteu a América aos seus caprichos e projétos. O senador Johnston se revolta contra o fato de serem os Estados Unidos, pelos tratados secretos, obrigados a garantir as conquistas territoriais inglêsas.

O meio de impedir isso é não referendar o Congresso americano o ignominiosissimo tratado. Por força que Wilson fala, por dois terços, nas palavras indignadas do senador Johnston. Revelar a Liga das Nações como um *trust* guerreiro, um açambarcamento de conquistas ameaçadores para a América é dizer uma verdade mil vezes repetida por nós anti-capitalistas, mas não proclamada ainda por um representante da politica plutocrática.

Eles mesmos vão confessando sem querer. Pouco nos incomodam os arreganhos de Inglaterra contra as idéas anarquistas, contra a propaganda comunista vencedora. O que nos cumpre registrar, para conhecimento dos trabalhadores, são as confissões das tratantadas capitalistas pelos próprios capitalistas.

Tais confissões vêm reforçar os nossos argumentos, vêm prestigiar nossas afirmaçoes, vêm dar mais um impulso aos nossos músculos para derribarmos de uma vez a Jericó dos parasitas.

José Oiticica

EM SANTOS

O processo Manoel Campos

A policia de Santos, tradicional no seu despotismo, e agora tendo á frente o "valiente" Ibrahim, está empenhadissima em meter á ferros o nosso camarada Manoel Campos.

Forjou, com esse fim, uma sinistra maquinação, procurando envolver Campos no assassinio dum capataz das Docas, facto ocorrido ha algumas semanas naquela cidade.

E com isso uma campanha de calunias miserabilissimas, naturalmente secundada pela grande impreusa burgueza, especialista na materia.

O sumario de culpa de Campos já foi iniciado. Mas ele e o seu advogado contam certo com a despronuncia, esmagando de vez as infames calunias do tal delegadete das duzias.

A força, sob a fórma de castigo, por mais severo que o torneis, não impedirá o crime. — ***W. D. Morrisson.***

ALL RIGHT!

"O velho mundo deve e vai terminar. Nada a isso deve se opôr por mais tempo. Si alguem se mostrar inclinado a manter o velho mundo, devemos combatel-o e dominal-o."

(Palavras da recente mensagem de Lloyd George ao povo britanico).

A Conferencia de Washington e o operariado brazileiro

Poucas semanas faltam para a realisação da Conferencia Internacional do Trabalho de Washington.

O governo brazileiro, como seria do seu dever, não fez ainda nenhum convite ao operariado organizado para escolher o seu representante á dita conferencia. Entretanto, já anunciou que a delegação ficaria pronta por esses dias.

Pronta? Mas com quem? Qual foi a organisação genuinamente operaria que já foi consultada nesse sentido? Ou o Governo pretende enviar a Washington algum dos seus lacaios com o titulo de representante dos trabalhadores? Ousará ele cometer mais esta infamia?

—

Aliás, os trabalhadores brazileiros não pretendem ir a Washington. Não iremos lá porque essa reunião é obra da Conferencia da Paz e este conluio de modernos salteadores só trabalhou e só trabalha pela escravisação da classe operaria. E si a Conferencia da Paz nos pretende escravisar, que ao menos o tente sem o nosso assentimento.

—

Na Conferencia de Washington o Governo terá dois votos, o Capital um e o Trabalho outro. Para falar claro, diremos que o Trabalho terá um voto e o Capital tres porque o Governo é aliado, servidor do capitalismo. O ponto de vista capitalista, pois, ahi predominará por tres votos contra um.

Admitirmos tal escrutinio será entregarmos voluntariamente o nosso pescoço ao cutelo.

O melhor, portanto, é não ir lá e quando nos vierem com umas tantas imposições dizendo que foram aprovadas pela Conferencia de Washington, respondamos que nada temos a ver com isso porque não tomamos conhecimento de tal cambalacho.

—

A Conferencia de Washington é convocada e será dominada pela classe burgueza. Ora, o interesse maximo da classe burgueza é perpetuar a sua existencia, a qual é devida á escravisação dos trabalhadores; logo a tal Conferencia do Trabalho de Washington tem por fim a *perpetuação da escravidão dos trabalhadores*. Por conseguinte, ela representa um perigo imenso para o proletariado universal e o nosso dever é denunciar esse perigo e afastar dele o proletariado brazileiro.

—

A Internacional de Amsterdam, que eu classifico de "Internacional dos Patrioteiros" decidiu ir a Washington com a condição de que para essa reunião fossem convidadas as centraes sindicaes de todos os paizes e que nenhum deles, mesmo a Russia, a ela faltasse.

Pelo que se está passando no Brazil, vemos que as centraes sindicaes de *todos* os paizes não estão sendo convocadas e não consta tampouco que os russos tenham recebido convite para ir a Washington. E' pois de esperar que nem os patrioteiros da Internacional de Amsterdam tomem parte na pseudo conferencia do trabalho.

—

O que o proletariado internacional tem a fazer neste momento, não é ir a Washington combinar acôrdos com a burguezia. Ha uma tarefa mais digna e mais urgente a realizar, que é a defeza da revolução russa.

Neste ponto é que deveremos concentrar todas as nossas atenções. Como a Internacional de Amsterdam, da qual são donos e directores os patrioteiros Jouhaux, Gompers, Legien, Oudegeert, Mertens, Apletton and Co., não toma essa iniciativa, devemos nós tomal-a, constituindo uma internacional sul-americana, que combinará os meio de exercer uma pressão sobre os governos da Entende em favor da revolução russa.

Nós, tanto como o proletariado do Occidente europeu, estamos em condições de salvar a revolução russa, esfaimada pelo bloqueio dos aliados. Os aliados abastecem-se na America do Sul.

O abastecimento que eles recebem da America do Sul é que lhes permite manterem-se de pé em face dos exercitos maximalistas. No dia em que o proletariado sul-americano cortar esse abastecimento terá aberto a Europa ocidental e quiçá o mundo inteiro ao avanço libertador dos exercitos vermelhos da Russia redentora.

ANTONIO CANELLAS.

Camaradas!

Fazemos um vivo apelo a todos os amigos de «Spártacus».

O periodo de reação burgueza, que se inicia tão furiosamente, torna mais graves as naturaes dificuldades numa publicação desta ordem. Esta é pois a hora de todos os esforços.

Insistimos principalmente junto aos pacoteiros, para que sejam o mais possivel pontuaes com os seus debitos.

Actividade, camaradas!

Confiar aos deputados o patrimonio da vontade popular só serve para fornecer ao governo o meio de a iludir, e para entreter o povo com esperanças vãs. — ***Errico Malatesta.***

Divulgae "Spártacus"!

Onde estão os "indesejaveis"

Não é por certo entre os trabalhadores estrangeiros, que vieram para o Brazil atraidos pela miragem do trabalho compensador ou fugindo á exploração capitalista da propria patria... e que no Brazil gastam os musculos e as inteligencias, adaptando-se á nossa vida, radicando-se no nosso sólo, contribuindo para o desenvolvimento da industria e da lavoura nacionaes... Não é por certo entre estes que se encontram os verdadeiros "indesejaveis". Os trabalhadores produzem, são factores positivos da riqueza publica — aliás açambarcada por uma minoria de capitalistas cosmopolitas sem patria e sem entranhas.

O assunto é de plena actualidade. E nós fazemos questão de contribuir para a sua mais completa explanação e documentação.

Havemos de mostrar, por estas colunas, com a prova real dos factos e não com a calunia das afirmações sem base, que os "indesejaveis", no Brazil, se encontram precisamente na classe dos capitalistas estrangeiros, cuja actividade se emprega exclusivamente em sugar o trabalho nacional, em drenar para fóra do Brazil o melhor das riquezas arrancadas do sólo brazileiro...

Eis, para começar, uma estatistica referente ás jazidas de minerio de ferro e publicada pela "A Rua", em seu numero de 20 de agosto ultimo:

Jazidas Conceição e Esmeril, situadas em Itabira do Mato Dentro, cubando 99.000.000 m 3, produzindo 396.000.000 toneladas, adquiridas pela Itabira Ore Iron Company — *ingleza*, por 400:000$.

Cané e Sant'Anna, situadas no mesmo local, cubando....... 33.000.000 m 3, produzindo....... 132.000.000 toneladas, adquiridas pela Brazilian Iron Steel Company — *americana*, por........ 500:000$.

Paracatú e Bananal, situadas em Santa Barbara, adquiridas pelo Minas Geraes Iron Syndicate — *americano*.

Candonga, situada em S. Miguel de Guanhães, produzindo 10.000.000 toneladas, adquirida por 200:000$ pela Societé Franco-Brésilienne e Bernard Goutchause & C. — *francezes*.

Alegria e Cota, situadas em Mariana, produzindo 10.000.000 toneladas, adquiridas por......... 150:000$ pela Brazilian Iron Steel Company — *americana*.

Jangada e Paraopeba, produzindo 15.000.000 toneladas, adquiridas por 100:000$ pela Societé Civile des Mines de Fer de Jangada — *franceza*.

Corrego do Feijão, situada em Vila Nova de Lima, adquirida por 150:000$ pela Deutsche Luxemburgische Borgnocks und Hutten Aktiengesellschaft — *alemã*.

Casa de Pedra, situada em Ouro Preto, cubando 500.000 m 3, produzindo 2.000.000 toneladas, adquirida por 60:000$ por A. Thun — *alemão*.

Corrego do Meio, situada em Sabará, adquirida por......... 450:000$ pelo Syndicato Alemão.

E' sabido que todo o lucro, todo o producto liquido da exploração dessas minas, lucro amassado sobre a miseria dos trabalhadores, é todo ele drenado para a burra dos acionistas europeus e americanos.

Estes são pois os autenticos "indesejaveis", porque estes são, em boa e lidima verdade, os exploradores do Geca nacional como do Geca nacionalizado.

E a estes dizemos nós, por nossa vez: si não estão satisfeitos com a nossa propaganda anarquista — para fóra do Brazil!

A reação burgueza contra o proletariado

Um processo por delicto de opinião, Insidias katesperianas. O protesto da Federação dos Trabalhadores. O Comité de Defesa Libertaria.

O decorrer dos acontecimentos vai demonstrando que ha um plano sistematico, de parte do governo, para esmagar as organizações proletarias e libertarias no Brazil, abafando as vozes altivas de protesto e de reivindicação.

Para isso, o governo, inspirado pelos sentimentos mais retrogrados, agindo com um criterio absolutamente medieval, institue o delicto de opinião e suprime, simplesmente, o direito de associação.

Mas estará o proletariado do Brazil disposto a sofrer a restrição dessas liberdades, consagradas em todo o mundo civilizado como conquistas definitivas do progresso e da civilização?

E' o que veremos.

E nós outros, da estacada destas colunas rebeldes, havemos de deslindar, em publico e raso, todos os planos maquiavelicos da reação e da tirania.

Temos consciencia de estarmos na defesa da boa causa, e daqui não arredaremos pé nem á mão de deus padre...

O estapafurdio processo

Torcendo a seu geito os acontecimentos da praça da Republica, por ocasião do conflicto em frente á Construção Civil, cujas origens indiscutiveis se devem á provocação da policia, esta acaba de forjar um suculento processo contra... os oradores do comicio do largo de S. Domingos.

Codigo aberto ante os olhos duros e maus, o 3º delegado auxiliar, depois dum inquerito "em segredo de justiça", redigiu e enviou ao procurador criminal um fantastico relatorio, procurando embrulhar varios camaradas nos artigos e paragrafos taes e quantos do referido codigo.

São estes os camaradas incriminados como responsaveis pelos acontecimentos: Adalberto Vianna, Antenor Faria, Theophilo Ferreira, Alvaro Palmeira, Antonio Geraes, João de Andrade, Antonio Gonçalves de Souza, Anastacio Filho, Antonio Fernandes, Manuel e Luiz Peres. O crime é este: terem falado ao publico num comicio na praça publica...

Delicto de opinião!

Neste andar, e a guiar-se a gente pelo bestunto do 3º delegado, acabamos restaurando a santa fogueira catolica e apostolica, para defesa desta boa ordem da... rapinagem intangivel e legalissima.

Mas, com mil milhões de bombas! os tempos hoje são bem outros e os inquisitoriaes desejos da policia

não serão, não poderão ser satisfeitos...

Vans perfidias redentoricas

O orgam katesperiano da rua da Quitanda, ao estampar o relatorio do 3º delegado e achando que o mesmo é uma "injustiça", procurou mais uma vez, insidiosamente, separar os militantes anarquistas das massas obreiras.

Diz *A Razão* que a policia não deve confundir operarios com agitadores profissionaes.

Ora, os onze agitadores denunciados no relatorio policial são todos, á excepção de um apenas, operarios associados. Só não o é Alvaro Palmeira, professor publico, assalariado do Estado. São todos agitadores por convicção e por idéal e absolutamente nenhum deles é agitador profissional, vivendo da agitação, ou a espensas de qualquer classe.

E *A Razão* sabe muito bem disso tudo, sendo portanto calculadissima a sua intriga. Mas não pega, ó refinadissimos cavadores astraes!

O protesto da Federação

A Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro está distribuindo largamente o seguinte energico protesto contra as violencias da reação policial:

«**Aos trabalhadores e ao povo em geral** — São ainda recentes as violencias praticadas pelas autoridades policiaes, invadindo as sédes das associações de trabalhadores, filiadas a esta Federação.

As autoridades, mancomunadas com o clero e o industrialismo, não podendo exterminar as organizações proletarias, querem manter o predominio da sua nefanda tutela, sobre os individuos e colectividades. Como, porém, as classes que compõem a Federação não estão dispostas a suportar a tutela das autoridades, as suas sédes são assaltadas, arrombadas e saqueadas a pretexto de pregarem a subversão da ordem e possuirem arsenaes belicos para combater a policia.

Isto seria altamente comico, si não tivesse a parte tragica.

Aos assaltos, acompanhados de prisões, que a policia levou a efeito na **União dos Operarios em Construção Civil, Aliança dos Operarios em Calçado e Classes Anexas, União dos Operarios em Fabricas de Tecidos e União Geral dos Metalurgicos**, seguiu-se o espaldeiramento de operarios por protestarem, em comicio publico, contra taes arbitrariedades.

Em Pernambuco, a policia, servindo aos caprichos da politica dominante, invadiu a séde das organizações, dissolvendo a bala as reuniões que se efectuavam e impedindo o seu funcionamento; os moveis e utensilios foram carregados pelos garantidores da propriedade, julgando que assim esmagariam as associações obreiras.

No Rio Grande do Sul as violencias policiaes atingiram a um grau de selvageria tal, que até a imprensa burgueza censurou esse procedimento barbaro, cometido em pleno seculo XX.

Não contentes com chacinar o povo na praça publica, ainda foram fechados os sindicatos operarios, com descargas de mauser, e presos os mais activos dos seus membros.

Em Alagoas, a policia seguindo o exemplo da policia de Pernambuco, do Rio Grande do Sul e da Capital, assaltou as sédes das organizações, prendendo os seus componentes, violenta e arbitrariamente.

Pensem os trabalhadores nesses actos de vandalismo que se estão praticando do norte ao sul do paiz: reparem nos manejos que estão sendo feitos pela burguezia, aliada dos sectarios do clero romano, com o incondicional apoio dos governos, e verão então que as ameaças de expulsão aos dirigentes sinceros do proletariado, nacionaes ou estrangeiros, não são mais que o preludio de uma reação fortissima para aniquilar a força das classes productoras organizadas.

A imprensa, apavorada com a extenção que está tomando o movimento operario no Brazil, temendo que se exgotem as sinecuras que a sustentam, entôa côros de louvaminhas á ação arbitraria das autoridades e ataca com linguagem de calão os propagandistas da organização proletaria.

Trabalhadores! Essa campanha difamatoria da imprensa reacionaria, contra as organizações que têm um programa definido, que têm orientação e ação propria sem se rebaixarem a adular quem quer que seja, merece uma formal repulsa de todos os homens honrados e conscientes, porque é o fructo do odio insensato, da mesquinhez e da ignorancia das nossas necessidades e aspirações justissimas. A vós, trabalhadores, convidamos a vir em nosso meio analisar a nossa obra, os nossos actos, as nossas atitudes. Aos nossos inimigos gratuitos e caluniadores sem causa convidamos a que provem publicamente e com provas inequivocas, as acusações assacadas contra os elementos que militam nas associações, chamando-os de exploradores do operariado, e que nas reuniões se prega a subversão da ordem, a dissolução da familia e outras cousas que a mentalidade doentia dos apostolos da exploração capitalista concebe para indispor a opinião publica contra os trabalhadores.

Povo! A causa que nós defendemos merece que seja conhecida por todos que amam a liberdade, a justiça e o bem-estar. E' tão justa a nossa aspiração que os exploradores do teu suor, os que querem viver á custa do teu trabalho pretendem crear um ambiente de antipatia com os productores, afim de continuar a agir nas trevas e tripudiar sobre as massas extenuadas e famintas. Esperamos, pois, que a tua voz de justiça se faça ouvir, em favor daqueles que produzem e sofrem as agruras da miseria, da fome e da tirania.

Ao proletariado fazemos um apelo para ingressar nas suas associações de classe, formando um forte baluarte de defesa que possa pôr um dique á desenfreada exploração da burguezia. O momento historico que estamos atravessando não permite hesitação nem tibiezas. A' reação que se prepara contra nós devemos opôr a cohesão e a solidariedade obreira, prestando cada um seu concurso e a actividade que estiver ao seu alcance.—**Viva a solidariedade!—Abaixo a exploração!**»

Comité de Defesa Libertaria

Com o fim de opôr uma forte barreira aos manejos da reação do capitalismo cosmopolita, que pretende transformar o Brazil em simples colonia de exploração industrial e comercial, bem como ás calunias dos nacionalistas de além-mar, açambarcadores da imprensa burgueza, os camaradas brazileiros se reuniram e delinearam o seguinte plano de ação sistematica:

—"Os anarquistas nascidos no Brazil, reunidos para deliberar a respeito dos actuaes acontecimentos e tendo em vista o movimento reacionario, que se acentúe, da parte das classes capitalistas e governamentaes, decidem:

1º—Publicar um manifesto, assinado individualmente, com uma larga explicação ao publico em geral sobre as condições, os meios e os fins da propaganda anarquista no Brazil.

2º—Constituir um Comité de Defesa Libertaria, com o fim de organisar um vasto movimento nacional de defesa dos direitos de propaganda.

3º—Este Comité lança desde já, por meio desta publicação, um repto ao Congresso Nacional afim de que este nomeie uma comissão especial de inquerito nos meios proletarios e libertarios do Rio para que seja apurado: a) si os anarquistas militantes no Rio, brazileiros ou estrangeiros, são ou não trabalhadores, homens de profissão declarada, vivendo só do seu trabalho; b) si a maioria destes militantes se compõe ou não de brazileiros natos; c) o tempo de residencia no Brazil dos militantes anarquistas não nascidos no Brasil; d) si estes militantes foram ou não expulsos de outros paizes.

4º—Iniciar desde já uma tenaz campanha contra os jornalistas estrangeiros da burguezia, para mostrar que de facto a maioria dos grandes jornaes cariocas, pregadores de patriotismo e nacionalismo, são dirigidos e redigidos por estrangeiros.

5º—Iniciar desde já uma forte campanha com o fim de demonstrar que os verdadeiros indesejaveis no Brazil são os capitalistas estrangeiros, sugadores da riqueza nacional.

6º—Preparar-se para, á primeira expulsão que o governo faça de qualquer trabalhador estrangeiro, iniciar imediatamente uma grande propaganda de repatriação dos trabalhadores estrangeiros residentes no Brazil, visto não haver no Brazil garantias para os mesmos, nem de reunião, nem de associação, nem de manifestação do pensamento.

7º—Enviar o mais brevemente possivel ás organisações proletarias e libertarias da França, da Italia, da Hespanha e de Portugal, um minucioso memorial relatando as violencias policiaes a que estão sujeitos os trabalhadores no Brazil. Esse memorial deverá ser largamente divulgado pelos jornaes socialistas, anarquistas e sindicalistas daqueles paizes. Accessoriamente serão fornecidos a essas organisações e jornaes documentos sobre as condições de trabalho e de garantias individuaes e colectivas a que se acham sujeitos os trabalhadores estrangeiros no Brazil, com o fim de se intensificar na Europa uma sistematica propaganda anti-emigratoria para o Brazil.

8º—Declaracar solenemente a sua inteira solidariedade aos camaradas estrangeiros residentes no Brazil, trabalhadores que com o seu braço e a sua inteligencia contribuem para a riqueza nacional, aqui vivendo e sendo explorados pelo capitalismo cosmopolita, como em qualquer parte do mundo".

O primeiro anarquista que pagou com o proprio sangue o seu amor a causa no Brazil

Polinice Mattei

Era o dia 20 de Setembro de 1908, em S. Paulo. Estava ainda palpitante no coração dos companheiros as recordações das tremendas carnificinas de Milão, em que Umberto I havia, em elogio assinado do proprio punho, agradecido publicamente aos assassinos de centenas de trabalhadores esfomeados—homens, mulheres, crianças—e a corja patriotica contando com a inconsciencia de proletarios ignaros por ela escravisados decidiu como acto de desafio, festejar o dia 20 de Setembro com ostentação e pompa até então nunca vistas.

Foi aceito o desafio. E emquanto desfilava o cortejo patriotico, a troco de bom dinheiro agrupado em torno da bandeira tricolor, um punhado de camaradas afrontou-o ao grito de: — Abaixo os assassinos do povo! Viva a anarquia!

Os patriotas tinham previsto tudo. Haviam armado varias centenas de camorristas que caminhavam á frente das sociedades: Calabrezes Unidos, Tomaz Campanella (ó feroz ironia do culto dos homens! cujo pensamento, triunfante nos seculos, nem lido foi, nem comprehendido) e Trinacria, os quaes por unica resposta ao grito dos nossos companheiros sacaram das armas.

O pequeno estandarte dos companheiros foi subjugado por centenas de assassinos, alguns foram feridos e todos, excepto Polinice Mattei, conseguiram salvar-se pela fuga.

Polinice Mattei não se moveu.

Então precipitarm-se sobre ele, como cães, todos os assassinos, que o feriram a cacetadas e a tiros de revolver. E quando ele cahiu ferido de morte, ainda o fizeram, emquanto outros "valientes" o apunhalavam vezes repetidas.

No dia seguinte Polinice Mattei morria, saudando o ideal pelo qual havia vertido o seu sangue inocente.

Que os camarades não se esqueçam deste bravo que selou com o proprio sangue a sua fé anarquica nos altos destinos de uma humanidade melhor.

Esse dia, 20 de Setembro de 1898, foi o fim do patriotismo italiano camorristico no Brazil.

Depois do vil linchamento de Polinice Mattei, no Brazil, apezar de todos os desesperados apelos da camorra (tornando-se ridiculas mascaradas todas as comemorações) os trabalhadores italianos não mais festejaram o dia XX de Setembro.

O sangue dos fortes e dos intrepidos nunca banhou em vão a terra!

Mastr' Antonio.

RERUM NOVARUM

Idéas simples

Eu entendo que nenhum poder do mundo evitará a revolução social. Ela me parece mesmo tão inevitavel como as tempestades, os furacões, os terremotos, as erupções vulcanicas e todos os demais cataclismos cosmicos. Todo o engenho do homem, esse celebrado engenho, todo o seu esforço, a sua astucia, as suas precauções nada podem contra esses fenomenos, deante dos quaes o orgulho humano é uma verdadeira miseria irresistivelmente comica.

Entre os cataclismos cosmicos, porém, e a revolução social, cataclismo politico tão inevitavel como os outros, ha esta diferença.

Aqueles, o homem, quando não os evite—o que não me consta que jamais houvesse sucedido—tambem os não provoca, e não os podendo evitar, evita, pelo menos, os seus efeitos, foge ás suas naturaes consequencias, que, por serem naturaes, não deixam, entretanto, de ser desagradaveis.

Contra os furacões têm os homens (alguns homens) as casas de bôa pedra, solidas paredes e otimos telhados; contra os terremotos as casas de madeira e contra as erupções vulcanicas o abandono prudente dos terrenos visinhos. Deante da revolução social, cataclismo politico, a conducta não é a mesma. O homem, quero dizer, o burguez rico, os governos, as policias não só não procuram evitar a grande revolução, nem mesmo resguardar-se dos seus efeitos, como a provocam, apressam a realisação do fenomeno. E' por isso que eu não sei, realmente, o que deva lastimar, si a falta de liberdade para os partidarios dessa revolução, si o excesso de liberdade.

A Russia foi o paiz que primeiro realisou a sua revolução social porque era, indiscutivelmente, em todo o mundo o paiz de maior reação. Si isto é certo, como parece, talvez a reação dos governos contra o comunismo não tenha sinão este efeito: — o triunfo antecipado desse comunismo.

Mas, si assim fôr, parabens devem ser dados pelos comunistas ás mais altas autoridades de cada paiz, porque, como dizia já o imortal *Amigo da Imparcialidade*, quanto mais alto elas estiverem, melhor e de maior altura será a quéda.

Roberto Feijó

Coices no bom senso

A matilha da imprensa burgueza, que antes se limitava a rosnar de quando em vez, hoje late furiosamente contra os anarquistas.

Quasi diariamente, um ou outro jornal defensor da ordem, atira contra os anarquistas e o anarquismo as estafadas calunias que de sobra conhecemos, depois de alinhar periodos reveladores de uma ignorancia digna de piedade.

Ainda ha poucos dias, a respeito de uns boletins de propaganda anarquista aprehendidos pela policia de S. Paulo, os jornaes daquela e desta cidade teceram os costumados comentarios sobre o anarquismo e os anarquistas. Começaram, como sempre, por considerar taes teorias extranhas e inadaptaveis ao meio brazileiro que, aberto á qualquer iniciativa, recompensa com a riqueza e a consideração social o esforço de quem trabalha; por achal-as naturaes em outros paizes, especialmente os europeus, em que existem condições favoraveis a seu desenvolvimento.

Apezar disso, a aprehensão de alguns manifestos ou a prisão de algum anarquista vem lhes demonstrar que as idéas circulam e se propagam neste maravilhoso paiz, o que os leva a supôr inteligentemente que essas doutrinas vieram de fóra e que só os estrangeiros as propagam. Depois de terem chegado a esta conclusão, desfiam a proposito uma serie de insultos e calunias desde o vagabundo até o assassino. Terminam apelando para a repressão energica por todos os meios: confisco de livros e jornaes, prisão e expulsão dos propangedistas, chegando alguns jornalistas num acesso de inteligencia a aconselhar a contra propaganda.

Depois de exposto o caso parecer-me-ia desnecessario o comentario si não fôra a insistencia asinesca nas mesmas imbecilidades. Porque o que mais me irrita não é o insulto, é o coice no bom senso...

Consideremos os argumentos um instante:

Si o meio é refractario ás idéas anarquistas, não ha que temel-as e nem é necessario combatel-as: é deixal-as a si mesmas que hão de fenecer si acaso tiverem brotado em terreno tão safaro.

Si apelam para a repressão feroz é porque as temem e porque lhes reconhecem uma força de propagação e portanto de adaptação ao meio. Si se adaptam e se expandem facilmente (e disso nós temos a entusiastica certeza) é que aqui encontram as mesmas condições dos paizes de origem, condições que as fizeram nascer, crescer e criar as raizes profundas e formidaveis que abalam os seculares alicerces do regimen.

Inutil, ridiculamente improficuo se torna combatel-as nas pessoas de seus propagandistas.

Si os plumitivos a soldo dos capitalistas são capazes do esforço (para eles enorme) de raciocinar, hão de comprehender que aquelas condições que existem aqui e em toda a parte dependem directamente do regimen social que urge transformar e reconstruir sobre bases novas que só podem ser as do comunismo anarquico.

Victor Franco.

Cartas da Lua

AOS MEUS COLEGAS DA GRANDE IMPRENSA.

Antes de mais, peço licença para chamar-lhes colegas. E' possivel que vocês se envergonhem de hombrear comigo, pobre diabo que sei só escrever para operarios e mais gente rude.

Si permitem, passemos ao assunto destas cartas que me proponho, de igual para igual, escrever-lhes todas as semanas.

Caros colegas, eu sei que muitos de vocês nos consideram, de bôa fé, a nós comunistas, habitantes do «mundo da lua».

Pois é precisamente d'aqui, «do mundo da lua» serenamente isolado, longe do ruido e das paixões terrenas, que eu lhes dirijo a palavra, sem azedume nem rancores, para dizer-lhes do que ahi se passa nesse mundo de que o bom-senso de vocês superiormente me repeliu.

Trava-se ahi na terra, agora, a maior batalha da Historia: dois mundos se defrontam, um dos quaes tem que ser fatalmente vencido.

O mesmo espectaculo eu vejo em toda a volta dessa bolinha em que vocês se agitam.

Mas falarei particularmente da região denominada Brazil.

Ha ahi um grupinho de sujeitos que, em vertude da rapinas, suas ou de seus antepassados, são senhores de tudo, homens e coisas. Muitos não são o que vocês chamam nacionaes: vieram de logares longinquos e ahi armaram a sua tenda. Essa gente tem por função o expoliar e oprimir o imenso rebanho dos proletarios, dos campos e das cidades, sendo que entre estes ultimos se acham vocês. Justificam tal modo de vida por meio do Direito, que é a coisa mais torta desse mundo.

Sobem vocês o que é o Direito ahi na terra? É' a expressão da vontade do mais forte. — Mas como? — dirão vocês —si eles são poucos, como podem impôr a sua vontade á população toda do paiz?

Muito simplesmente: conservaudo o povo na ignorancia, recrutando no meio desse povo inconsciente tantos brutos quantos precisam para o manejo das armas, com que se dominam os outros, e encarregando a vocês, jornalistas, e outros seus servidores, de perpetuar esse dominio, á força de mentiras e mistificações, que muitos de vocês transmitirão aos jécas-tatús, certos de que cumprem uma elevada missão.

Poderá parecer-lhes que eu aponto como escravisadores do povo apenas aos politicos, aos governantes; mas não é isso: os verdadeiros donos do Brazil, os manejadores dos cordeis pelo quaes se desengonçam todos os titeres, inclusive os da governança, são os homens do «Capital», os manejadores do Ouro. E estes são quasi todos estrangeiros.

Por hoje é só. Na minha proxima carta explicar-lhes-ei tudo isso por meúdo. — Do colega e amigo,

Avila.

Divulgae "Spártacus"!

A socialisação da Sciencia e da Arte

A Sciencia e especialmente a Arte, de uns tempos para cá, deram em ser aristocratas, pairando lá nos seus altos cimos, desdenhando a multidão e chamando-lhe a canalha.

E' uma cousa que condeno com todas as minhas forças.

E' imprescindivel que essas duas grandes manifestações do espirito humano se socializem, isto é, sigam em procura do povo, das sociedades pobres, das multidões, procurando mitigar-lhes os sofrimentos.

A Arte em especial está destinada a um grande papel na libertação dos pequenos.

Por exemplo: o poeta em rimas luminosas a descrever as agonias do povo; o pintor a pintar os mendigos, os doentes, os leprosos, os feridentos, os vencidos; o escultor a esculpir os aspectos tragicos da vida do nosso povo; poderão apressar a libertação dos Humildes.

Os artistas, revelando a agonia dessa gente, mais cedo comoverão as boas almas que virão em auxilio dos deserdados.

Esperemos pois que os estetas brazileiros dêm o exemplo, colocando-se ao lado dos parias e imortalizando-os em paginas ou em télas estupendas.

Octavio Brandão

Algumas palavras

Plenamente satisfeito com o formidavel reclamo iniciado a semana passada pela policia carioca a favor de *Spártacus* e da *A Plebe*, não posso tambem deixar de externar a minha satisfação pelas "espirituosas" noticias que, a respeito, têm sido publicadas por alguns jornaes desta capital, os quaes se aproveitando do caso enchem as suas colunas com os mais disparatados comentarios sobre as idéas avançadas dos que trabalham pela implantação do comunismo-anarquico nesta grande e bôa terra brazileira.

Não se lembram, entretanto, esses "engraçadinhos" de meia tigela, de que, embora tentando meter-nos ao ridiculo, nos estão prestando ótimo auxilio fazendo o reclamo gratuito das idéas comunistas pelas burguezissimas colunas desses hipoteticos orgãos da opinião popular. A verdade é que nós os estamos a importunar e isso é justamente o que pretendemos para que eles saibam e sintam que os trabalhadores brazileiros, homens conscientes e probos, não mais se deixam embair pela labia "manquée" e, ás vezes, astral de jornalistoides desse jaez; nós, os trabalhadores, sabiamos que a imprensa burgueza não poderia por mais tempo sustentar essa mascara de hipocrita protetora do proletariado e por isso obrigamol-a a definir-se publicamente e, imprevistamente, antes que o esperassemos, com o incidente da aprehensão do *Spártacus*, vimol-a abrir fogo contra nós, insultando-nos soezmente, porque tivemos a "audacia" de crear um semanario aqui no Rio e um diario em São Paulo!

Isso entretanto foi bom, muito bom, foi mesmo excelente; servirá para provar a uma pequena parte dos trabalhadores que ainda vive iludida por essa imprensa mercenaria do que ela é realmente:—a sua mais tôrpe exploradora e o seu mais figadal inimigo.

Saibam, pois, os senhores jornalistas que os trabalhadores hão de ter a sua imprensa e que esta não será moldada por outro feitio que não o de inteiro e aberto antagonismo ao regimen burguez e capitalista, porque os trabalhadores de todo o mundo já comprehenderam de ha muito que a causa de todas as privações e de todas as opressões que sofrem provém toda ela desse mesmissimo regimen e por isso eles, os trabalhadores, terão de se libertar de qualquer modo

desse sistema que os asfixia, que os tortura e os assassina.

Por esta razão serão improficuas todas as arbitrariedades e todas as violencias que, contra nós, forem praticadas; poderão aprehender jornaes, encarcerar-nos, amordaçar-nos, assassinar-nos, porém o que nunca poderão fazer, o que nunca conseguirão é deter a marcha vertiginosa do idéal libertario! A idéa vencerá! O comunismo-anarquico ha de ser implantado em todo o mundo embora contra isso se rebelem os burguezes de todas as laias e os que vivem, sabujos e abjectos, a lamber as patas dos burguezes e a defender este regimen de roubo, de exploração e de imoralidade!

O que é para lamentar, entretanto, é que esse pugilo de moços, que tão ignobilmente se aviltam servindo de lacaios á burguezia não tenham procurado estudar o que é o regimen comunista-anarquico; estudem-n'o primeiramente e avaliem depois o papel tristissimo a que se estão prestando, defendendo esta pôdre e falida organisação social onde só ha ignominia, pirataria e mercantilismo. E' isto o que lhes diz um trabalhador brazileiro.

J. Cruz

Nós e os jornalistas burguezes

Já o esperavamos. Os jornaes, querendo ser agradaveis aos governos e aplaudir a ação das autoridades, na repressão ás organisações operarias, desandaram numa descomponenda aos trabalhadores estrangeiros, pedindo ao governo leis de exepção para expulsar os individuos que teem a coragem de expôr, pela palavra, falada ou escrita, as mazelas dos governos e os planos de exploração da organização internacional do capitalismo.

Esses planos, tramados pelas chancelarias de todos os paizes, passam despercebidos á grande massa do povo que vive alheio aos problemas que afectam a sua vida economica e social.

Ora, são justamente os jornaes que estão incumbidos de manter o povo na ignorancia da realidade dos factos que se relacionam com as combinações comerciaes, que os caixeiros viajantes da burguezia concertam pòr meio da diplomacia secreta.

Ligados ás verbas dos ministerios e das diversas repartições, os orgãos da imprensa burgueza occultam a verdade do que se passa, para que não sejam reconhecidos os tratados secretos que os governos fazem, quando se trata de explorar e manter os trabalhadores sob o regimen da mordaça.

Felizmente, para bem da nossa causa, todos os jornaes que atacam os trabalhadores estrangeiros não têm força moral para os combater e, muito menos ainda, ás idéas que propagam.

Mas, para não nos afastarmos do nosso objectivo, vamos entrar no assunto que aqui nos propomos tratar, mostrando a que ponto chega o cinismo desses intrujões que nos acoimam de estrangeiros exploradores do operariado.

Lembram-se os leitores de quando o Brazil mandava engajadores á Europa para encaminhar a emigração estrangeira, enganando os trabalhadores com fantasticas promessas?

Sabem que meios empregavam para iludir aos incautos, ás victimas de exploração?

Talvez não. Vamos, pois, narrar os factos que se passaram e que são de grande actualidade para desmascarar os tartufos da imprensa burgueza.

Lá pelos anos de 1906 a 1913, quando o Rio de Janeiro passou pela remodelação da maioria das suas avenidas, praças e ruas, os trabalhadores estrangeiros eram precurados e valorizados, como factores que são da grandeza deste paiz. O Estado de S. Paulo e outros mantinham agentes especiaes na Italia, Portugal e Hespanha, além de agencias, anexas aos consulados, que eram verdadeiras arapucas armadas á ingenuidade dos operarios emigrantes, onde se expunham grandes cartazes com fotografias sugestivas, representando cafezaes, casas de colonos, etc., para catequizar os trabalhadores estrangeiros e induzil-os a vir para o Brazil, onde havia falta de braços.

Quem tivesse ocasião de ouvir, como nós, as promessas feitas pelos enviados dos fazendeiros e dos industriaes, ficaria acreditando que o Brazil era realmente a terra de promissão...

Os trabalhadores, assim enganados, afluiram em grandes massas para estas brazilicas terras, até que a desilusão veio toldar os promissores horizontes que se lhes desenhavam...

Chegados aqui, os emigrantes que se destinavam á lavoura eram embarcados em vagões completamente fechados e transportados em trens de gado, que os levava para as fazendas, de onde só sahiam quando aprouvesse aos «senhores» e ainda endividados, depois de terem gasto o melhor de suas energias. Isto, como era natural, provocou a indignação dos povos da Europa, dando motivo a que a imprensa de lá, em tudo igual á de cá, explorasse os sentimentos «patrioticos» dos trabalhadores europeus e entre as chancelarias houvesse troca de notas para «impedir» a emigração e ludibriar o «zé-povinho.»

Lembramo-nos ainda de um celebre artigo publicado pela revista de Madrid, o «Nuevo Mundo,» sob a epigrafe «No vayás al Brasil,» que originou forte celeuma com os jornaes cariocas e paulistas, os pontos mais atingidos pela propaganda anti-emigratoria.

Folheiem-se as coleções de jornaes e revistas daquele tempo; vejam-se os catalogos de reclame que se faziam no estrangeiro, para servir de chamariz aos trabalhadores e atrail-os para aqui, e faça-se um confronto com a linguagem empregada hoje contra os trabalhadores que não nasceram no Brazil, e poder-se-á aquilatar a que ponto chega o cinismo e a malvadez desses jornalistas que se chafurdam na gamela do Estado, jornalistas na maioria tambem estrangeiros, e piratas conhecidissimos.

Nós não viemos para aqui fazer fortuna explorando o trabalho alheio, não viemos expulsos nem envolvidos em nenhum processo por deshonestidade, não viemos corridos pela policia por sermos vadios renitentes; viemos livremente, como trabalhadores honrados, desejosos de empregar o nosso trabalho, a nossa actividade, em beneficio da humanidade, sem respeitar as fronteiras politicas, as absurdas convenções da sociedade burgueza, seja aqui seja nos paizes onde nascemos.

Que importa que nos caluniem? que importa que nos apontem á opinião publica como sendo malfeitores? que importa que os «defensores da ordem» empreguem contra nós toda a ferocidade de seus instinctos?

Nós temos um ideal e o defendemos com o ardor de nossas convicções: vós, senhores jornalistas, nos caluniais, como nos defenderieis si nós tivessemos dinheiro e falta de escrupulo para vos subornar, porque o vosso ideal reside na pança e mais partes baixas; sois incapazes de um gesto de independencia nobre, em pról da liberdade humana: preferis defender o cofre dos burguezes a servir uma causa justa e digna.

Si as autoridades empregam contra nós a violencia, acirradas por vós, e por vós justificadas a tanto por linha, só nos serve isso para incentivar-nos mais a proseguir na nossa luta contra a tirania, das autoridades e tambem contra vós, sicofantas da imprensa burgueza. Embora sejamos presos ou expulsos des'a «liberrima» Republica de opereta, o nosso pensamento continará livre para anatematizar a sociedade actual e estigmatizar com a nossa palavra candente os vendilhões que defendem seus horrendos crimes.

Continuae, pois, com a vossa campanha contra os trabalhadores estrangeiros, que não demorará o dia em que tereis de prestar contas á humanidade nova da obra nefasta que estais realizando.

ANTONIO FERNANDES.

Boletim da Guerra Social

Através os telegramas da semana

Nos Estados Unidos

Estão causando sensação em todas as rodas do paiz as recentes declarações do Dr. Bullitt sobre o odiento tratado de paz.

Como por certo ninguem ignora, o Dr. Bullitt foi incarregado pelo governo americano de verificar, de *visu*, as condições da Russia sob o regimen bolchevista. De lá trouxe ele as melhores impressões, desmentindo categoricamente as calunias e infamias que sobre os maximalistas espalhavam os jornaes e telegrafos burgueses, entre as quaes a arqui-famosa e arqui-falsissima socialisação das mulheres.

Na Alemanha

Ha sérias ameaças da declaração duma gréve geral nos estaleiros de Kiel. Todos os dias o telegrafo nos traz a nova de uma gréve, de uma parede, de uma agitação. E' o descontentamento mundial das classes trabalhadoras pelo regimen da sociedade presente, cheio de iniquidades e injustiças.

Sobre as justas aspirações proletarias na Alemanha, distende-se, ameaçadora e implacavel, a mão de ferro de Noske, o Clemenceau alemão.

Mas apesar daquele generalão, as idéas libertarias vão abrindo caminho, vão conquistando aderentes em numero cada vez mais crescido. Liebknecht e Rosa Luxemburgo foram assassinados pelas autoridades prussianas. Mas o que elas jamais poderão fazer é assassinarem as idéas daqueles dois valentes defensores da Liberdade.

Na Inglaterra

O seguinte trecho foi extrahido duma mensagem dirigida ao povo inglez por Lloyd George, o parlapatão que toda a gente conhece:

«Si deixarmos continuar o antigo estado de cousas, com habitações insalubres e uma diminuição de trabalho muito visinha da penuria, e isto quando se vê o desperdicio das inexgotaveis riquezas do mundo, trairemos aqueles que morreram heroicamente na guerra, e seremos culpados da mais vil perfidia que jamais deshonrou a memoria de um povo. O velho mundo deve desaparecer, sendo que todos devem ter por obrigação auxiliar a ereção de um novo mundo, em que os trabalhadores tenham a sua justa recompensa».

Essas palavras do primeiro ministro inglez, deixam entrever claramente a disposição em que se acha actualmente o operariado britanico de exigir dos estadistas da Inglaterra a materialisação das promessas que estes lhe fizeram, quando da declaração de guerra á Alemalha. *Mister* George anda a vêr as cousas feias...

Na França

Têm recrudescido ultimamente as agitações paredistas.

Paris esteve sem agua e luz, voltando ao trabalho os operarios somente depois de atendidas as suas reclamações. Em Marselha, foi declarada a grêve geral, tendo havido violentos conflictos entre a policia e os paredistas. A vida em Lyon está quasi completamente paralisada. Na Alsacia Lorena o serviço ferro-viario esteve paralisado durante tres dias. A agitação assume caracter grave.

Quer isto dizer que o proletariado francez está firmemente decidido á luta contra a burguezia rapinante e parasitaria, em pról de seus direitos espesinhados.

Na Russia

São animadoras as noticias relativas á Russia. Assim, informações fidedignas asseguram que a Lithuania e a Esthonia aceitaram as propostas do Soviet russo para iniciarem as negociações de paz.

Ao mesmo tempo, parece que devido á pressão das organizações operarias de todo o mundo, o Conselho Inter-aliado decidiu, por unánimidade de votos, sancionar a evacuação das tropas britanicas da Russia, donde suspenderão as suas operações militares; ficando, desta maneira, os destinos da Moscovia confiados a seus proprios filhos.

Seja mistificação ou não essa deliberação, o facto é que os protestos contra a intervenção aliada na Russia e na Hungria já vão produzindo os seus salutares efeitos.

Entretanto, ha fortes suposições de que o acto do Conselho tenha sido determinado pelos continuos revezes infligidos ás tropas inglezas pelos exercitos maximalistas.

A' confissão de uma derrota vergonhosa, prefere a Inglaterra bater-se numa retirada discreta, dando-se ares de paladina da justiça...

Partido Comunista do Brazil

Está convocada uma reunião para amanhã, do Nucleo do Rio, na praça da Republica 58, á 1 hora da tarde.

Pede-se a todos que tenham listas de subscripção pró «Spártacus» não faltarem.

Solidariedade

Como resposta peremptoria aos intrujões que pretendem intrigar-nos com as classes obreiras organizadas, varias associações aprovaram em assembléa geral moções de energico protesto ao acto policial de aprehensão de "Spártacus" manifestando inteira solidariedade com a obra de emancipação social que constitue o proprio motivo de existencia desta folha.

Isso nos conforta e nos impele a caminhar sempre para a frente, através de todos os obstaculos e tropeços.

Eles por eles

O honrado jornalista Salvador Santos, da "Gazeta de Noticias», e o Irineu Marinho, de «A Noite», jornalista não menos honrado e até comendador, andam agora, pelas colunas das respectivas folhas, a se passarem mutuas descomposturas.

E' um velho espectaculo, muito de uso na boa imprensa grauda e moralista, que se repete para gaudio da platéa sempre avida.

Para Salvador Santos, o honrado Irineu é simplesmente um refinadissimo ladrão, e chantagista, rufião, burro, desbriado, sem vergonha... etc., etc.

Para Irineu Marinho, o honrado Salvador não passa de um consumado gatuno, e sem vergonha, desbriado, burro, rufião, chantagista... etc., etc.

Isso é apenas uma pequenissima amostra dos cariciosos quálificativos, catados no mais baixo e sujo calão da imprensa moralista e ordeira, com que eles se andam a mimosear em paginas inteiras das respectivas folhas.

E o que é grandemente interessante nessa luta dos dois honrados jornalistas é que Irineu prova documentadamente tudo quanto diz de Salvador e Salvador, por sua vez, tambem documentadamente prova tudo quanto diz de Irineu.

Por onde se conclue, irrefragavelmente, que ambos... têm razão.

Trabalhadores!

Nesta hora de reação capitalista contra a nossa obra de libertação, mais do que nunca se torna necessario cerrar fileiras nas associações de classe, activar a propaganda dos grupos de idéas, sustentar e divulgar os nossos jornaes!

Ação proletaria

Nada de excepcional durante a semana.

Apenas o triste fim do movimento dos graficos... Depois de varias semanas de resistencia, de começo tão entusiastica e esperançosa, as corporações das casas que haviam declarado o "lock-out" voltaram ao trabalho, debaixo das condições ditadas pelos patrões arrogantes.

E' claro que entre essas condições figuravam as demissões dos operarios altivos e de caracter indomavel — homens inconvenientes á desabalada exploração patronal.

Isso tudo entretanto constitue mais uma dura lição, que é necessario aproveitar Não é positivamente com atitudes dengosas que os senhores patrões poderão ser vencidos.

Firme solidariedade, animo resoluto, valentia e desassombro —esses os requisitos essenciaes á luta de classe, guerra de proletarios contra burguezes.

Agora, é enterrar os mortos e cuidar dos vivos—e tocar para a frente, porque para a frente é que se anda...

—

Os barbeiros agitam-se de novo, descontentes com a situação. Não é impossivel um outro movimento geral de reivindicação. Que o façam, na hora oportuna—com o devido cuidado e o preparo necessario ao bom encaminhamento da agitiação.

—

E mais nada de excepcional durante a semana...

Nobres palavras

A proposito duma local nossa anterior, publicou o *Tymburibá*, velho jornal de Rezende, em sua edição do dia 4:

Um jornal que a colonia ingleza publica em São Paulo — «The Times of Brazil»—escrito em inglez reclama do governo brazileiro medidas de repressão contra *Spártacus* e *A Plebe*, jornaes brazileiros, de propaganda anarquista, por consideral-os prejudiciaes e os julgar «indesejaveis».

Não ha, positivamente, mais clamorante absurdo e descabelado desaforo.

Si os jornaes de sua Magestade Britanica e de outras graciosas e estranhas corôas, julgam-se no direito de regular a nossa liberdade de imprensa, estamos bem arranjados nós brazileiros que temos o topete de fazer jornalismo em nossa terra.

Abdicando de todos os nossos direitos, não chegamos ainda ao extremo miseravel de permitir que estrangeiros julguem «indesejaveis», no Brazil, os nossos patricios que, erradamente ou não, esposam e defendem credos sociaes. Brazileiros, podemos julgar exageradas e prejudiciaes as doutrinas dos dous intemeratos jornaes; os senhores estrangeiros, porém, si repelem taes doutrinas, o façam em sua terra, ou aqui metam a viola no saco e ganhem socegados os ricos cobrinhos.»

Folgamos imenso em registrar nestas colunas as nobres palavras de solidariedade da antiga folha fluminense, cuja altissima imparcialidade tanto mais a dignifica quanto se sabe partir dum orgam politico de idéas inteiramente discordantes das nossas.

Rifa

Pedem-nos avisemos aos interessados que a rifa, em beneficio de «Spártacus», de uma biblioteca sociologica de 25 volumes ficou transferida de 19 do corrente para 1 de outubro proximo.

São convidados os camaradas que ainda não contribuiram com a respectiva importancia a o fazerem antes daquele ultimo prazo.

O inicio da reação

Os amarelos já deram inicio á reação contra os elementos conscientes e que se batem pela emancipação completa dos productores oprimidos.

Pretendem os modernos escravisadores impedir, por quaesquer meios, que os trabalhadores lutem pelo triunfo de suas reivindicações, ainda que para isso seja necessario transformar o Brazil em Siberia Moderna.

Os jornalecos modernos da burguesia vivem a apregoar aos quatro ventos que o Brazil é um paiz profundamente liberal, e que quer estrangeiros quer nacionaes gosam de liberdades, que em paiz algum gosariam.

Essas liberdades, tão apregoadas pelos constitucionalistas de toda a casta, não são aplicados aos trabalhadores.

Nós sabemos e os burguezes melhor ainda, que o trabalhador tem direitos muito limitados e que são aplicados de acôrdo com as conveniencias do capitalismo.

Quando o trabalhador se limita a trabalhar de sol a sol, obedecendo cegamente ás ordens do patronato, sem gréves, sem reclamações, indiferente á organização, ou a qualquer conquista que lhe possa minorar a situação de vida, é considerado um elemento ordeiro, e em pleno gozo de todos os direitos constitucionaes.

Estes direitos são apregoados porque, sendo o trabalhor inconsciente, o burguez o sabe de antemão incapaz de defender-se.

No entanto ao trabalhador consciente taes direitos são negados, embora defenda os seus interesses e a sua ação se coordene perfeitamente com as leis estatuidas.

Neste momente surge a celebre questão do anarquismo estrangeiro que é aplicado ao trabalhador brazileiro ou a qualquer outro, porque a doutrina anarquista é, na opinião do capitalismo, brazileiro e estrangeiro, privilegio exclusivo dos elementos de além-mar.

Baseada nesse pretexto irrisorio a policia organiza a reação contra as organizações que, orientadas por elementos conscientes, não se subordinam aos caprichos dos exploradores estrangeiros.

Foi naturalmente em obediencia ás leis constitucionaes, que garantem plena liberdade de consciencia, e pleno direito de reunião e de associação, que autoridades brazileiras, apoiadas por argentarios estrangeiros, invadiram associações operarias, praticando o roubo e a depredação em grande escala, esquecidos de que, sendo defensores da constituição, se colocavam fóra da lei, praticando actos que ela condena.

Fossem actos desta natureza praticados por trabalhadores, e teriamos naturalmente o classico "Pega ladrão" e a condenação dos autores a alguns anos em carcere comum.

Porém, o idéal da policia, amparada pela ação nefasta do clero e do capitalismo, é a derrocada imediata das associações obreiras, para dar ganho de causa aos sindicatos "dos Sotainas" substituindo as associações de livres trabalhadores por arapucas clericaes.

Este é o fim que ela teve com a invasão das organizações, e com o processo que move a alguns dos elementos que por serem verdadeiramente orientados, opõem forte barreira aos seus miseraveis planos.

O interessante é que dos 11 anarquistas estrangeiros que a policia envolve no atual processo, 9 nasceram no Brazil, e os restantes são tidos como taes, pois que têm mais de 8 anos de residencia no paiz.

Portanto a força policial é bem patente, e os trabalhadores precisam acautelar-se para a defesa de suas conquistas.

A prisão dos militantes das organizações tem em mira o amortecimento da propaganda. Oxalá que os trabalhadores comprehendam o perigo do momento e cerrem fileiras em torno das organisações para defendel-as dos ataques do capitalismo.

As portas da prisão estão abertas para os militantes.

Que o gesto da policia, encarcerando-os, sirva de incentivo aos trabalhadores, dando-lhes animo para encetarem uma lucta tenaz, para o triunfo definitivo da nossa causa.

Manoel Peres

A GRANDE INFORMAÇÃO

Como em todas as ocasiões semelhantes, a imprensa de grande informação inventou e divulgou as mais estupefacientes e deslavadas mentiras imaginaveis sobre os anarquistas. Seria um nunca acabar si quizessemos, aqui, desfazer todas essas miseraveis ou pueris patranhas. Nem uma edição de 100 paginas chegaria para tanto. Mas daremos uma pequena amostra do pouco, do nenhum escrupulo com que os jornaes capitalistas impingem ao publico as suas caraminholas. Ora leiam esta nota aparecida no "Imparcial" de ante-hontem:

«O verdadeiro "leader" do movimento subversivo que vem arrastando o nosso operariado á agitação em prol de supostas reivindicações sociaes é o operario Francisco Canela que representou o Brazil no Congresso Comunista de Amsterdam, não se sabe com que credenciaes e que regressou ha dias pelo "Curvelo".

Francisco Canela, desde que chegou, facto que passou completamente despercebido ás nossas autoridades policiaes, entregou-se de corpo e alma á propaganda anarquista, aludindo ao consideravel incremento que o anarquismo vem tomando nos paizes do velho mundo cujos reinos e instituições esboroam-se com fragor aos seus golpes.

A ação deste grande agitador tem sido de grande eficacia, não só pelos seus conhecimentos doutrinarios, como tambem pelo poder da sua palavra inspirada e convincente. E' o que geralmente se chama um "teorico perigoso".

Francisco Canela é brazileiro, tem 30 anos. Seus meios de vida são ignorados. Diz-se que vive subsidiado pelas associações operarias do Rio Grande do Sul e de Pernambuco, das quaes é representante junto á Federação Operaria do Rio de Janeiro.

Canela foi expulso ha tempos daqueles dois estados como anarquista perigoso e fomentador de movimentos paredistas, vindo desde essa data residir nesta capital.»

E' incrivel! Mas contemos, serenamente, as mentiras:

Primeira mentira. Este tremendo homem não se chama Francisco, mas Antonio; Canelas e não Canela.

Segunda mentira. Em Amsterdam reuniu-se o Congresso Sindicalista e não Comunista. Canelas tinha credenciaes das Federações de Pernambuco e do Rio, mas não chegou a ir a Amsterdam, por falta de... recursos. Estava em Pariz, e quando o dinheiro daqui lá chegou o Congresso de Amsterdam já havia terminado.

Terceira mentira. Canelas não é um orador. Ainda não tomou parte absolutamente em nenhuma reunião libertaria ou operaria, desde que chegou ao Rio.

Quarta mentira. Canelas não tem 30, mas 21 anos.

Quinta mentira. Os seus meios de vida só são ignorados pelos imbecis da imprensa. Desde pelo menos os 12 anos de idade que ele trabalha para comer. Tem mais de um oficio: tecelão, grafico, revisor, jornalista, empregado no comercio, etc.

Sexta mentira. Canelas nunca jamais na sua vida esteve no Rio Grande do Sul.

Sétima mentira. Canelas nunca foi expulso de parte nenhuma do mundo.

Oitava mentira. Ele não vem de nenhum estado para o Rio. Do Rio é que ele foi ha quatro anos para Alagoas, depois para Pernambuco, de onde seguiu para a Europa, em janeiro, regressando agora ao Rio.

Nona mentira. Canelas não é subsidiado por nenhuma associação operaria, daqui ou de qualquer parte. Foi apenas «auxiliado» na sua viagem á Europa pelas Federações de que era delegado. Tão reduzida, de resto, foi esse auxilio que ele teve que trabalhar como grafico em Lisboa, para poder manter-se e seguir para Pariz. Nas suas viagens por mar, sempre andou como tripulante, trabalhando, excepto na volta para o Rio. E não falemos nos maus quartos de hora de fome e frio, que ele passou...

E ahi esté a que se reduzem as sensacionaes informações do «Imparcial»: um amontoado de patranhas e caraminholas mais ou menos envenenadas.

E por ahi podemos imaginar do valor das palavras da imprensa burgueza a respeito dos homens e das coisas da Russia bolchevista...

O' reino da mentiralhada!

Falando claro...

Procuram em vão, os apologistas da supressão da liberdade de pensamento, mascarar a senegalesca aprehensão de *Spártacus* com artigos do Codigo Penal que, dizem os legalistas, defendem o regimen vigente.

Alinhavam os escribas burguezes aplausos á violencia governamental dizendo que ela foi praticada em defeza da *sociedade constituida*.

Batem palmas os *mercenarios estrangeiros*, donos de jornaes que, enriquecidos á custa do trabalho deste povo sofredor, ainda querem lhe cercear o direito de ler algo que não seja esse mixto de lama e azinhavre, que escorre pelas colunas dos seus papeis.

Emfim, os magnos interessados desta *geringonça republicana* estão de pleno acôrdo em que a aprehensão de *Spártacus* foi um acto nobilissimo do governo em defeza da *colectividade brazileira*.

Entristeçam, porém, os nacionalistas; moderem os seus entusiasmos os patriotas, refreem a sua alegria os que julgam isso um acto de força governamental, porque por mais que o Snr. *Luiz de Mattos et caterva* mintam, a aprehensão de *Spártacus* apenas traduz um acto de fraqueza do governo que, fazendo-o, não fez mais do que obedecer á intimação dos capitalistas estrangeiros, para os quaes o Brazil é um segundo Egito.

Mas talvez os argentarios cosmopolitas se enganem nos seus maquiavelicos calculos.

O Brazil não é a camarilha composta de individuos desfibrados e de espinha dorsal flexivel como os com quem estão acostumados a lidar na Africa.

O Brazil é essa imensa legião de trabalhadores, desde o caboclo do norte até ao gaúcho dos pampas, que está disposto a abrir os braços aos seus camaradas de todos os paizes, mas que se dispõe tambem a fechar o punho possante para castigar os seus exploradores nacionaes ou estrangeiros.

Saibam pois, os ingenuos patriotas, os loquazes nacionalistas, que suas energias combativas devem ser empregadas, não contra os libertarios militantes que almejam elevar o povo do Brazil moral e fisicamente, mas contra os *intrigantes estrangeiros*, que, das colunas dos dos seus jornaes, fomentam o odio contra os povos nossos visinhos, como, por exemplo, o Snr. Luiz de Mattos nas suas intragaveis «*notas*» tem feito com respeito á Republica Argentina.

Para esse estrangeiro que faz obra de discordia na familia americana não ha estado de guerra, nem leis de excepção, porque a par da sua profunda e ignorante maldade ele possue alguns milhares de contos de réis...

Cruz Junior.

Um caso revoltante

A rua é, para todo o anarquista, um vasto campo de observação. Ela é um quadro vivo das miserias sociaes.

Nela notamos, a todo o instante, o contraste flagrante das coisas. Vemos senhoritas ricamente trajadas, e jovens operarias com vestidinhos de chita, lindos automoveis, carregando pessôas cheias de dinheiro e de saúde, desfilar ante os olhos de miseros velhinhos, que já não podem caminhar, e que não têm siquer um magro niquel para o bonde; crianças burguezas, bem nutridas e repletas de vida, passarem com seus paes para os pontos de diversões, e crianças maltrapilhas, que esmolam pelos botequins e esperam restos de comida, ás portas dos hoteis; emfim, inumeros factos, dolorosos e tristes, que nos confrangem o coração.

Ainda ha poucos dias deu-se um facto, que me encheu de indignação e de revolta.

Estava eu sentado num café da rua da Quitanda. Eram 10 horas da manhã. O movimento de pessôas que transitavam pela rua era intenso: eram empregados de bancos, homens do comercio, operarios, senhoras, gente de todas as classes. De subito, a minha atenção foi despertada por grande numero de individuos, que corriam para os lados da rua do Hospicio.

Eu tambem quiz vêr. Cheguei á porta: dois homens esmurravam-se.

Um, de mais ou menos 60 anos, tinha aparencia de operario. Era preto, alto, e trajava um terno de casemira, velhissimo e seboso; as botas, rotas e sujas. Os anos e o trabalho haviam-lhe curvado o dorso para o chão.

O outro, era um rapaz bem vestido e perfumado.

Quando cheguei á porta, eles já tinham sido apartados por populares, mas ainda se entreolhavam raivosos a um metro de distancia, fazendo gestos de se atirar um ao outro. O rapaz parecia ter medo. Nesse momento, apareceu um guarda civil que, sem saber do que se tratava, deu voz de prisão ao trabalhador.

E' essa, a justiça burgueza! Eu não sei nem quero saber com qual dos dois estava a razão. O que eu sei, o facto real é que o policial prendeu o esfarrapado e deixou o moço de «colarinho em pé».

Si a justiça burgueza não fosse essa senhora venal que todos nós sabemos, o beleguim prenderia os dois contendores para que o delegado investigasse os motivos do conflicto, e agisse de acôrdo. Mas, o guarda que procedesse assim, e seria reprehendido pelos seus superiores!

E ainda ha quem queira que tenhamos calma! Ter calma quanda ha trabalhadores, irmãos nossos, que são assim vilipendiados, espesinhados, insultados e desprezados diariamente! Ter calma quando uma classe inteira é roubada, martirisada e torturada, deshumanamente, nos campos, nas fabricas e nas oficinas!

A proxima revolução ha de ser sangrentissima. Por mais que os anarquistas, os elementos conscientes queiram, nunca conseguirão impedir que as massas escravisadas por tanto tempo e avidas de justiça e de liberdade, pratiquem os maiores excessos.

O odio de classes aumenta dia a dia. Ai! daqueles que hoje riem!

Os desherdados de hoje descerão á rua em ondas colossaes clamando vingança! vingança! Esses desgraçados párias não deterão a sua marcha emquanto á obra não estiver completa, e emquanto não fôr substituida a angustia que aperta os seus corações, pela alegria produzida pelo hino da victoria.

Haja vista a Russia...

PLINIO SARAIVA.

A America é dos Americanos... do Norte

Na minha comprehensão de provinciano não posso assimilar muito bem o direito das gentes, mesmo porque não passo de um pobre mecanico, mas na curteza do meu intelecto sinto uma revolta imensa quando leio qualquer noticia relativa ao monroismo: não sei si por achar que a celebre doutrina implica no esmagamento dos povos organizados da America que não sejam de origem saxonia, mas o certo é que a doutrina de Monroe me revolta, faz-me mal...

Agora, os Estados Unidos, querendo se expandir e pôr em execução os principios indecentes de Monroe, procuram através de perseguição de bandidos mexicanos (no territorio do Mexico!!!) intervir naquela infeliz nação (infeliz porque é visinha do Tio Sam). Esqueceram-se os E. Unidos de que a guerra colossal que ainda avassala o mundo, foi provocada por uma pretenção identica da Austria para a Servia, e que levou o Tio Sam a pegar em armas. Daqui lanço o meu protesto contra a intervenção dos E. Unidos nos negocios mexicanos.

E vós, camaradas de luta, que comigo ireis sofrer as consequencias da nova conflagração, cruzaes os braços? Eu, cá do sertão de Minas, vos concito a manifestar nas praças publicas contra o esmagamento de um paiz, que por ser uberrimo, habitado por um povo laborioso, apetece à Republica Imperialista dos Estados Unidos da Ameriea do Norte.

Diamantina (Minas).

Theodoff.

O fiasco das conferencias catolicas

No Circulo ou Centro Catolico teve inicio a semana passada a serie de conferencias promovida pelos "operarios catolicos" a cuja frente se acha o "companheiro"... Monsenhor Rangel.

A primeira conferencia se realizou segunda-feira 8, e foi conferencista o deputado Andrade Bezerra. "Spártacus" compareceu na pessoa de 4 redactores.

A enorme assistencia compunha-se de... 35 pessoas contadas a dedo, entre elas o já citado "companheiro" Monsenhor Rangel, o Conde Laet e varios outros doutores papa-hostias e candidatos a futuros condes papalinos.

Antes de começar a conferencia, e sob o aceno do "companheiro" Monsenhor Rangel, a assistencia se ajoelhou e rezou uma Ave-Maria. Isto é, ajoelharam-se 31 pessoas da assistencia, porque os 4 de "Spártacus" conservaram-se impassiveis, sentados nos seus bancos. O "companheiro" Monsenhor Rangel lançou-lhes um terrivel olhar, como que a perguntar quem eram aqueles dois pares de herejes...

Depois falou o deputado Andrade Bezerra. Falou, falou, falou...

Depois acabou de falar.

Novamente se ajoelharam os 31 e rezaram nova Ave-Maria.

Ah! ah! ah! Que grande fiasco!

Em Copacabana

Católicos e Protestantes

Os trabalhadores de Copacabana estão tendo o ensejo de assistir a um importante «match» travado entre padres e pastores.

Duas igrejolas ha nesse bairro que disputam, entre si, o direito de governar os «pobres de espirito»: uma é católica e a outra protestante.

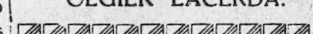
Os sermões e as conferencias, os folhetos e manifestos se multiplicam assombrosamente. Os padres falam contra os flibusteiros a serviço do capitalismo norte-americano, os pastores contra os papa-hostias sugadores...

Desconfio que haja entre eles algum pacto, cujo fim seja afastar a atenção da arraia miuda do problema social, com injeções de anestesico religioso.

Mas, tenham ou não esse intuito, o certo é que já levantamos, contra eles, a nossa bandeira. Nem Deus nem Amo.

Si a estas horas ainda não se tiverem engulido, uns aos outros, como as duas féras daquela velha anedota, preparem-se para a luta, porque já é tempo de baixar as mascaras aos «vendedores de Deus por grosso e a retalho».

Padres ou pastores são dignos da mesma reputação — escravagistas espirituaes—e portanto nocivos á futura sociedade de homens livres e conscientes.

OLGIÈR LACERDA.

Palestras nos Trens

De regresso do meu serviço quotodiano, da cidade para o Bangú, onde resido, vinha eu, como de costume, lendo meus autores predilectos—Gorki, Kropotine e etc.

Eu lia a *Conquista do Pão* e confrontava a noção que se tem da arte no regimen actual e a que Kropotkine nos ensina, quando cheguei á estação de Deodoro.

Sempre que chego a essa estação, sinto um mixto de tristeza e de revolta porque ali embarcam, no trem em que viajo, muitas operarias de uma fabrica que ali existe, entre as quaes, vêm se meninas que aparentam 11 e 12 anos, cujo aspecto raquitico e doentio revela bem a vida miseravel que levam, espoliadas pelo industrial sem entranhas.

E desfilam, e passam pelo meu carro, acotovelando-se, em demanda da segunda classe, que fica na frente.

Nesse momento prestei atenção a uma conversa estabelecida entre um sargento e uma senhorita de maneiras distinctas, a qual aprovava tudo quanto dizia o seu interlecutor.

O sargento dizia-lhe: "Estas pobres moças trabalham na fabrica das 6 horas da manhã até ás 5 da tarde e ganham 1$500 a 2$000, por dia, emquanto o dono da fabrica embolsa, talvez, muitos contos de réis com o trabalho que elas produzem".

Por habito, não converso no trem com quem quer que seja, porque não quero ouvir e nem dizer banalidades, mais tive impetos de meter-me nessa conversa.

Contive-me. E agora vou conversar daqui com o sargento que parece ser um homem razoavel.

"O senhor sargento acha então uma injustiça que o dono da fabrica explore torpemente suas proprias operarias?

Eu tambem concordo. Mas... as leis garantem ao proprietario da fabrica a extorção que pratica.

Vejamos.

Si um dia essas infelizes operarias e os seus não menos infelizes companheiros, num gesto de revolta contra a tirania do perverso patrão, declaram-se em gréve e num impeto de colera vingativa procuram destruir a fabrica—causa de seu martirio—que faz o governo?

Baseado na lei manda o sr. sargento com seus soldados espingardear essa mesma gente que o sr. sargento julga victima de uma infamia inqualificavel!

E o sr. sargento vem e espingardeia os operarios, dispersa-os matando e ferindo alguns para garantir o direito de extorquir, do feliz industrial.

Já sei que o sr. sargento dirá: "fui forçado pela diciplina"

E eu respondo que, emquanto o sr. sargento abdicar de seus direitos de homem livre, altivo e consciente, e transigir com disciplinas e quejandos preconceitos, não tem absolutamente o direito de sensibilizar-se com o sofrimento das pobres operarias que vê sempre embarcarem em Deodoro.

Em resumo, eis ahi uma contradição flagrante e uma verdade sigela.

O sr. sargento homem livre, creatura humana, raciocina com justiça.

O mesmo sr. sargento, soldado defensor da lei, pervertido pelo regimen no que tem de mais nobre, procede com iniquidade!

Dahi, vê-se claramente que o sentimento de bondade e de justiça existe intacto na humanidade e manifesta-se expontaneamente em todas as ocasiões em que se o põe á prova. O que o entibia e perverte é o regimen, o estado, as leis.

E pensam os dominadores actuaes que sem o governo, as leis e a policia, a humanidade se despeçadaria como féras!

E' por isso mesmo que nós, anarquistas, vivemos fóra da lei. Não temos nem deus nem amo, porque queremos ser livres para exercer o culto da justiça e da verdade.

Mauricio Livretesta.

O patriotismo é uma religião. Como toda a religião, torna o homem incomprehensivo, intolerante, exclusivista.—Georges Matisse.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabiliaade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo respectivamente dos camaradas Astrojildo Pereira e Santos Barbosa.*

* * *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1°, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* * *

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

* * *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

* * *

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*

Brochuras de propaganda